

Casal optou pela natureza

Ao fugir dos altos preços dos aluguéis no Plano Piloto, o médico Carlos Alberto Campos e a arquiteta Cláudia Hofmann Mota acabaram optando por morar em Planaltina, onde poderiam levar uma vida mais próxima às suas origens nordestinas. Grávida de seu primeiro filho — João — Cláudia era uma apaixonada pelas “coisas” de Planaltina desde a época em que fazia arquitetura, quando ficou conhecendo os fogões à lenha e o comércio de produtos das fazendas na satélite, bem ao estilo das cidades do interior.

Enquanto ficavam mais próximos ao serviço de Carlos — no Hospital Regional de Planaltina — o casal não se esqueceu dos filhos que estavam por vir e que poderiam ser criados mais ligados à natureza, em uma casa cheia de animais domésticos e muita árvore, “para as crianças subirem”, como disse Cláudia.

Apesar de reconhecer os problemas enfrentados pela cidade e as distorções no seu desenvolvimento, o casal valoriza bastante a liberdade de seus três filhos, principalmente de João e Júlia, que podem ir sozinhos à escola, brincar na rua, passar no bar da esquina para comprar doces, sem aquela vigilância característica dos grandes centros e do Plano Piloto. Por enquanto, Vinícius, o caçula, ainda não pode desfrutar dessa liberdade porque tem apenas três meses, mas pode ser embalado em uma rede protegido pelas árvores e por uma ampla varanda que circunda a casa.

Lazer

Cláudia e Carlos só reclamam da falta de opções de lazer e da incompREENSÃO das pessoas, que mui-

tas vezes cortam uma árvore para construir a garagem, quando o carro poderia ficar sob a proteção da própria planta. Esse apego ao natural eles mostram no muro da casa que foi interrompido para dar espaço a uma grande mangueira e que, por isso mesmo, serve de motivo às piadas por parte dos vizinhos: “Faltou tinta para pintar todo muro?”

Ao recordar sua juventude, quando a cidade possuía bons clubes, carnaval animado, campo de aviação e jogos de futebol, dona Alba Gonçalves de Melo, filha de uma das tradicionais famílias de Planaltina, queixa-se que hoje a vida na cidade é “só trabalho e dificuldades”.

Morando em Planaltina há 25 anos, Olgamir Paiva viu a cidade se transformar e chegar ao que é atualmente: uma contradição entre o antigo e o moderno. Ela lembra que a Vila Buritis, onde residia, era o local onde “nós íamos buscar cajú e fruta de lobeira para jogar”. Líder do movimento feminino da cidade, ela nota um certo distanciamento entre os antigos moradores e os novos. Na sua opinião, “Lá em baixo as pessoas são de origem rural, apegadas à tradição e se reúnem em associações benéficas. Enquanto que a vila é formada por operários que vendem a força de trabalho e por isso procuram formar entidades de luta”.

Meio desgostosa com as opções oferecidas pela cidade, em termos de emprego, Olgamir afirma que a maioria da população tem que acabar sendo professora — como ela ou então procurar serviço no Plano, já que as empresas de Planaltina são familiares e oferecem poucas vagas. (L.D.)